

APRESENTAÇÃO

Resgatar as experiências vivenciadas por migrantes do grupo étnico alemão e teuto-russos que vieram morar no oeste de Santa Catarina, a partir dos anos 20, é o objetivo principal dos Cadernos do CEOM n. 11. Os trabalhos apresentados não se enquadram dentro do que Benjamin chama de “história dos vencedores”, pois os seus autores deram voz às memórias esquecidas pela história oficial, que procura deixar registrada os feitos dos grandes homens. Nesta publicação, vozes outrora silenciadas podem ser ouvidas.

A história vivida pelos migrantes que ocuparam a região oeste constitui-se de conflitos, de esperanças, de desilusões, de individualismo e de coletivismo. Os memorialistas relatam com certo orgulho as dificuldades, os sacrifícios que enfrentaram, uma vez que depositaram na fé cristã e no trabalho a esperança de uma vida melhor.

Em busca de terras para a sobrevivência da família, estes sujeitos fixaram-se em diferentes lugares no oeste do Estado. O processo de colonização era proporcionado por Empresas Colonizadoras, que vieram trazer o progresso e o desenvolvimento para esta região. Na sua maioria promoviam a colonização por origem étnica e credo religioso. Além disso, nem sempre as terras “prometidas” eram aquelas oferecidas pelos propagandistas da Companhia. Desiludidos, muitos colonos abandonaram a sua propriedade.

Alceu Werlang problematiza o processo de colonização do oeste de Santa Catarina, mais especificamente a atuação da Empresa Colonizadora Cia. Territorial Sul Brasil. Além disso, retrata as dificuldades enfrentadas pelos colonos migrantes teuto-russos na área colonizada pela Companhia. A falta de estradas, de comércio, de assistência médica, os ataques dos mosquitos, as terras pedregosas e acidentadas, cobertas de densas matas foram os principais obstáculos com os quais se defrontaram.

No seu trabalho Venida Royer mostra as experiências dos colonos do grupo étnico alemão, oriundos do Rio Grande do Sul que iniciaram o processo de colonização no município de Saudades, em 1931, objetivando contribuir na discussão da ocupação das terras no oeste catarinense. Os entrevistados falam sobre suas expectativas e narram as decepções e obstáculos pelos quais passaram quando aqui chegaram para realizar o sonho da terra própria. E sentem-se orgulhosos em ser valorizados pelas contribuições deixadas por eles na construção da história de Saudades.

Mas a história do oeste do Estado não se construiu somente através do sacrifício. Há também momentos de lazer, como demonstra Juçara Nair Wollf. A autora discute sobre o espaço da festa do Kerb que acontece em São Carlos – 1920 a 1945 – a partir da perspectiva sócio-cultural. Ela mostra que em meio a tantas dificuldades, a solidariedade, o companheirismo estavam presentes, principalmente nas “rodas de serão”, onde os migrantes teuto-brasileiros e imigrantes teuto-russos se reuniam para cantar e conversar sobre os problemas a serem enfrentados. Além disso, havia as bandinhas que animavam as festas e os bailes e reuniam a comunidade, fortalecendo os laços de solidariedade.

Vale ressaltar que com esta publicação sobre migração, isto é: deslocamento de grupo de pessoas, o CEOM prossegue cumprindo com o seu papel de divulgar a história das minorias...das vozes caladas. As lembranças selecionadas de acordo com a importância que a elas atribuem os sujeitos históricos envolvidos, auxiliam no resgate da história da região oeste, que juntos ajudaram a construir, com muito esforço, perseverança, sofrimento, luta e esperança num futuro melhor.

Monica Hass

Este trabalho é um capítulo da dissertação em História defendida na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC em 1992, denominada Uma colonização às margens do Rio Uruguai, Campanha Sul Brasil (1933/34).

Este capítulo trata da colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul, e sua expansão para o Oeste Catarinense, bem como da colonização negro-branca na área colonizada pelo Cis. Sul Brasil.

Vários foram os fatores que me levaram a estudar a colonização do Oeste Catarinense a partir da atuação do Cis Sul Brasil. Meus pais compraram terra desta colonizadora, e para mim muitas perguntas ficaram sem resposta. De quais e colonizadores tinha que se falar as terras? Por que os alemães católicos, alemães evangélicos, polaco-russos e italianos foram agrupados em áreas diferentes? Por que esta região foi colonizada basicamente por gaúchos? Que tratamento foi dispensado ao índio e ao caboclo?

Professora do Departamento de Ciências Humanas e Sociais da UNOESC - Capivari, Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.